

## **“Intervenção Militar Já!” - Representações sociais sobre o ideal de sociedade no passado e no presente: a memória social do Golpe Militar em disputa**

STUEBER, Ketlen (mestranda)<sup>1</sup>

DIAS, Anelise (mestranda)<sup>2</sup>

SILVA, Nathália dos Santos (mestranda)<sup>3</sup>

MORIGI, José Valdir (doutor)<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS

**Resumo:** A partir de um referencial da Teoria das Representações Sociais, busca-se analisar as *representações sociais sobre um ideal de sociedade* expressas em dois momentos: na *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* em 1964, que antecedeu o Golpe; e nas atuais manifestações (nas ruas e nas redes sociais digitais) que pedem o retorno da intervenção militar no país. Apreendidas a partir de matérias jornalísticas e de manifestações no *facebook*, tais *representações* participam na formação de um determinado *imaginário de futuro* que mobiliza as manifestações sociais o que nos levou à percepção da disputa, no atual cenário, da *memória social* sobre o Golpe Militar. Tratamos, portanto, do fato histórico não só como objeto dos meios de comunicação, mas como *objeto de representações sociais*. Percebemos uma relação direta entre as *representações sobre um passado* vivido e as *representações sobre um futuro ideal*, estando a disputa de memória intrínseca às mobilizações sobre o provir – através de processos que, notadamente, contam com a ativa participação midiática.

**Palavras-chave:** *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*; Memória; Teoria das Representações Sociais.

---

1 Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de Mediações e Representações Culturais e Políticas. E-mail: [ketistueber@hotmail.com](mailto:ketistueber@hotmail.com);

2 Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de Mediações e Representações Culturais e Políticas. E-mail: [anelisedias@gmail.com](mailto:anelisedias@gmail.com);

3 Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de Mediações e Representações Culturais e Políticas. E-mail: [nathalia.ssilva@yahoo.com.br](mailto:nathalia.ssilva@yahoo.com.br);

4 Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e orientador deste trabalho. E-mail: [valdir.morigi@ufrgs.br](mailto:valdir.morigi@ufrgs.br).

## 1 INTRODUÇÃO

No mesmo período em que o Ministério Público disponibiliza acesso digital à obra *Brasil Nunca Mais* e concentra esforços na *Comissão da Verdade*, a superfície discursiva dos protestos contra a corrupção e o governo recoloca em debate a possibilidade ou não de uma *intervenção militar* no contexto democrático. Neste sentido evoca em alguns grupos sociais processualidades argumentativas muito semelhantes àquelas que apareceram nos discursos dos movimentos que apoiaram a deflagração do regime militar, como na *Marcha da Família com Deus Pela Liberdade*, que se apresentam reeditadas e impulsionadas em comunidades de redes sociais na internet.

A *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* tomou as ruas de São Paulo em 1964 e simbolizou a queda de governo do então presidente João Goulart e a tomada dos militares ao poder. Nos últimos dois anos, o nome da marcha volta a circular, mas não apenas em registros de história: grupos organizam marchas em referência a ela, reativando enunciados do passado – ou ao menos os colocando novamente em circulação no debate público, articulando um novo lugar de disputa da memória do golpe: as ruas. Em 2014 comemoraram-se os 50 anos da marcha e esta foi novamente realizada nas ruas de São Paulo (ver MELITO, 2014; GARCIA, 2014). Em maio de 2015, quando parte da população saiu às ruas em protesto contra a corrupção em todo o país, estavam presentes também os grupos que pediam a volta do poder militar organizados através de comunidades e eventos organizados pelo *Facebook*.

A questão da mídia permeia este estudo também na dimensão de seu corpus: analisaremos as representações sociais sobre o projeto de sociedade na marcha de pré-golpe de 1964 e em algumas manifestações de 2015 através de matérias jornalísticas e expressões nas redes sociais digitais. Assim, questiona-se como a Teoria das Representações Sociais pode contribuir para o entendimento do “retorno” de elementos e enunciados da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* no atual contexto democrático?

A partir de um referencial da psicologia social e da história, o objetivo desse artigo é, portanto, analisar as representações sociais sobre o projeto de sociedade

expressadas na marcha de 1964 - cujos sentidos se aproximam dos valores tradicionais e conservadores da religião, da família e da propriedade privada - e sua reativação no contexto democrático atual, através dos pedidos de intervenção militar.

Para nos aproximarmos de tal objetivo, analisamos os discursos dos grupos que se autodenominam *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* nas redes sociais e que retomam representações sobre um projeto de sociedade similares às expressas na ocasião das manifestações que antecederam o golpe militar. Também recorremos a registros da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* de 1964 através de matérias jornalísticas da *Folha de São Paulo* (c.f. SÃO PAULO, 1964) que descrevem o evento, além de trechos da cobertura do Portal IG e o Portal EBC Cidadania (MELITO, 2014; GARCIA, 2014) sobre as manifestações de 2014, que pontuam enunciados e interpelações a favor da intervenção militar.

Para fundamentar o estudo utilizamos a perspectiva da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2012), Jovchelovitch (2000) e Jodelet (1991), dialogando com a abordagem de Bronislaw Bazcko (1985) sobre o *imaginário social, representações e revoltas*. Assim, através de um olhar comparativo entre esses dois momentos históricos diferentes, percebemos que as representações sociais sobre o projeto de sociedade expressas no contexto de 1964 foram reativadas pelas processualidades discursivas das manifestações recentes, sustentadas por um determinado saber sobre o fato histórico da intervenção militar. Essa análise viabilizou, assim, a problematização da articulação e disputas entre representações, memória e imaginário social no contexto das manifestações atuais.

## **2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEMÓRIA**

Para analisarmos as representações sociais sobre o projeto de sociedade expressas na marcha de 1964 e nas atuais manifestações contra o governo e contra a corrupção, cabe explorarmos a perspectiva da psicologia social e as aproximações do

conceito de *representações* com a problemática da memória social. Moscovici elabora sua percepção de representações sociais não como um conceito teórico, mas como um fenômeno a ser observado. Assumir essa instância fenomenológica, porém, não nos impede de buscar em seus escritos pistas de uma conceptualização que nos ajude a manejar tal teoria em nossa análise. O trecho abaixo, portanto, serve de contributo para compreendermos o que o autor percebe como representações sociais.

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, como efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa. Elas sempre possuem duas faces, que são interdependentes, como duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica. Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda a imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. (MOSCOVICI, 2012, p.46)

A partir da leitura da obra de Moscovici, Jodelet (1991) sintetiza o entendimento do autor sobre representações sociais em uma espécie de conceituação que nos é válida neste estudo: as representações sociais podem ser explicadas como formas de conhecimento construídas e compartilhadas socialmente, que possuem a função prática de guiar a os sujeitos no cotidiano e contribuir para a construção de uma realidade que seja comum a um dado grupo social. São essas representações que nos ajudam a interpretar e nomear elementos do dia-a-dia e nos posicionar frente ao mundo, defendendo-nos do desconhecido. São essas formas de saberes sociais construídas em relação a um objeto social que: “[...] são sempre a representação de um objeto, ou seja, elas ocupam o lugar de alguma coisa, elas re representam alguma coisa. Neste sentido, elas ativamente constroem ou, melhor ainda, ativamente reconstroem a realidade, de uma forma autônoma e criativa” (JODELET, 1984b *apud* JOVCHELOVITCH, 2000, p.41).

O que interessava a Moscovici (2012, p.40), era, sobretudo, entender como se dava a produção do conhecimento, sua partilha e seu tornar comum a uma determinada coletividade, pois “[...] todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações.” Para o autor, por meio da comunicação e da cooperação os indivíduos, envolvidos em grupos sociais, criam representações de

si, dos outros e das coisas que estão no seu entorno. Elaboradas, essas representações passam a ter o que o autor chama de “uma vida própria”: circulam, se encontram, se atraem, se repelem e dão a oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.” (2012, p.40). Para entender uma representação é preciso, então, tentar chegar mais próximo ao ponto de seu nascimento, pois, “[...] quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais *fossilizada* ela se torna.” (*ibidem*, p.41).

As representações sociais se atualizam na fala e, por isso, não são imóveis. Pelo contrário, estão em contínuo movimento, contendo nelas tanto a resistência ao novo quanto a mudança potencial: “[...] a resistência à mudança se expressa pelo peso da história e da tradição, que impinge sobre os processos de ancoragem e objetivação. As sementes da mudança são encontradas no meio essencial das representações sociais, notadamente a conversação.” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.41).

A ancoragem e a objetivação das quais fala Jovchelovitch na passagem acima são dois dos processos que constituem as representações sociais, conforme explica Moscovici (2012, p.60-61):

O primeiro mecanismo tenta *ancorar* ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. [...] O objetivo do segundo mecanismo é objetiva-los, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico.

Ancorar é, em síntese, classificar os objetos sociais, nomeando-os. O não-nomeado nos parece estranho e aumenta nossa ansiedade diante do mundo. Somos resistentes aquilo que não somos capazes de avaliar, descrever e, por consequência, comunicar. Por isso, precisamos enquadrar o desconhecido nos nossos quadros de referência categóricos. “No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é reajustado para que se enquadre nela.” (MOSCOVICI, 2012, p.61). Neste sentido, a teoria das representações sociais não admite que haja ideia de pensamento ou percepção que não tenha sido construído por meio de um processo de ancoragem.

Moscovici (2012, p.71) entende, ainda, que objetivar “[...] é descobrir a

qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é produzir um conceito em uma imagem.” Vala (2004), a partir da leitura desse autor, esquematiza os três processos por meio do qual se dará a objetivação: 1) a construção seletiva da realidade, que é a escolha de um fragmento do fenômeno para que se possa explicá-lo, sendo que cada grupo poderá se apropriar de uma parte diferente de um mesmo objeto social, de acordo com suas necessidades e aspirações; 2) esquematização estruturante, que organiza o fenômeno a partir das relações sociais estruturadas; 3) naturalização, que é quando os conceitos abstratos tornam-se concretos, ganham materialidade e são incorporados na realidade social. Nesse processo, representações sociais e memória estão intrinsecamente ligadas, conforme Moscovici (2012):

Nossas representações, pois, tornam o não familiar em algo familiar. O que é uma maneira de dizer que elas dependem da memória. A solidez da memória impede de sofrer modificações súbitas de um lado e de outro, fornece-lhes certa dose de independência dos acontecimentos atuais – exatamente como uma riqueza acumulada que nos protege de uma situação de penúria. (p.78)

O que é uma situação de penúria da qual a reativação da memória poderá nos proteger é, porém, relativa ao olhar do observador. O que é considerado problemático para um polo pode não ser considerado para outro. Explicamos: no caso analisado, há, claramente, memórias em disputa. Se, por um lado, há um trabalho em relação ao direito à memória e à verdade sobre a ditadura militar brasileira, como a ampla divulgação do *Projeto Brasil Nunca Mais* pelo Ministério Público Federal, para que esse período não seja esquecido e não se repita, há por outro lado, grupos que tentam reviver o clima do regime. Percebe-se este fenômeno através da reedição de movimentos como a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, ancorando-se nos valores ideológicos tradicionais da religião, da família e da propriedade privada os quais acreditam estar ameaçados pelo governo vigente.

### **3 MANIFESTAÇÕES DE HOJE ATRAVÉS DE ONTEM: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA E CONTINUIDADES**

Esclarecida a perspectiva da Teoria das Representações Sociais e as relações que propõe entre as *representações sociais* e a memória social, partiremos para a análise desses fenômenos pelo olhar comparativo entre dois contextos diferentes mas que, guardam muitas proximidades simbólicas. As representações sociais sobre o projeto de sociedade ideal que mobilizaram a marcha de 1964 parecem em discussão atualmente, nas manifestações contra a corrupção e contra o governo, mas as similaridades não param por aí: além de *propostas para um projeto de sociedade* tomarem os espaços de discussão pública, alguns dos sentidos sobre o que seja esse projeto são muito próximos daqueles que o estruturaram no século passado. A abordagem desses processos a partir da Teoria das Representações Sociais dá importância para as articulações entre *representações sociais*, memória social e *imaginário social*. Esclareceremos, agora, nossa noção de *imaginário social* enquanto combustível para manifestações sociais, atravessado por um *ideal de sociedade* expresso e estruturado a partir de *representações sociais* sobre tal.

As mobilizações, revoltas, revoluções sociais são movidas muito especialmente por uma *imaginação* que as *impulsiona*. E essa *imaginação* não se refere ao fantasioso, ao fictício, mas a uma tessitura composta de *representações* sobre o mundo e sobre os outros. Nesse sentido, Bronislaw Baczko (1985, p. 298), ao tratar das relações de poder, contra-imaginação e revoltas sociais, indaga-nos:

Em qualquer conflito social grave - uma guerra, uma revolução - não serão as imagens exaltantes e magníficas dos objetivos a atingir e dos frutos da vitória procurada uma condição de possibilidade da própria acção das forças em presença? Como é que se podem separar, neste tipo de conflitos, os agentes e os seus actos das imagens que aqueles têm de si próprios e dos inimigos, sejam estes inimigos de classe, religião, raça, nacionalidade, etc.? Não são as acções efetivamente guiadas por estas representações; não modelam elas os comportamentos; não mobilizam elas as energias; não legitimam elas as violências?

Os protestos que vêm ocorrendo no Brasil desde 2013 caracterizam-se, em diferentes graus, pela ausência de uma liderança central e pela dispersão de pautas, de modo que nos interessamos, neste trabalho, em um tipo de enunciação específico:

aquele que traz uma argumentação estruturada por um determinado *projeto de sociedade* manifestado nas marchas no contexto sócio-histórico-político de 1964. Examinaremos, agora, as *representações sobre o projeto de sociedade* que atravessaram as manifestações sociais e os imaginários que as mobilizaram nesses dois contextos (1964 e 2015), estabelecendo distinções entre eles e a disputa pela memória do Golpe Militar.

O período de 1962 a 1964 foi marcado pelo acelerado crescimento das lutas populares em busca de reformas de base em meio a uma economia de altos índices de inflação - o lucro interno é enviado para bancos estrangeiros e o governo norte-americano suspende auxílios ao Brasil, exceto para alguns estados (Carlos Lacerda – RJ; Adhemar de Barros – SP e Carlos Magalhães Pinto – MG). As crises abalam a estrutura do governo:

**Praticamente toda a classe média** e setores importantes dos **trabalhadores rurais e urbanos** estavam ganhando pela **propaganda anticomunista**. Seus principais veículos foram os organismos **financiados pelos Estados Unidos**, o Partido Social Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN) e a Igreja Católica, especialmente sua hierarquia, **que se une à agitação contra o governo, amparada pela grande imprensa**, e enseja as célebres **“marchas da família, com Deus, pela liberdade”**. (ARNS, 1985, p.59, grifos nosso).

Nesse contexto, a reportagem da *Folha de São Paulo*, de 20 de março de 1964 traz uma interessante ilustração das enunciações que envolviam o acontecimento também discursivo da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*. No trecho que reproduz o pronunciamento do Senador Padre Calazans, é possível identificar a construção de sentidos de *repúdio* ao governo, à corrupção, à figura de Fidel Castro e ao comunismo, referenciado como “tiranismo vermelho”:

Hoje é o dia de São José, padroeiro da família, o nosso padroeiro. Fidel Castro é o padroeiro de Brizola. É o padroeiro de Jango. É o padroeiro dos comunistas. Nós somos o povo. Não somos do comício da Guanabara, estipendiado pela **corrupção**. Aqui estão mais de 500 mil pessoas para dizer ao presidente da República que o Brasil quer a democracia, e **não o tiranismo vermelho**. Vivemos a hora altamente ecumenica da Constituição. E aqui está a resposta ao plebiscito da Guanabara: Não! Não! Não!. (SÃO PAULO, 1964, grifo nosso)

Dessa forma, observamos que o projeto de sociedade se estrutura a partir de representações sobre liberdade e democracia em oposição às negativas e pejorativas representações sobre comunismo. No imaginário da sociedade, sob a égide da memória, emergem outras representações que dão forma aos slogans e adágios como aqueles expressos na Marcha de 1964: “1, 2, 3 Brizola no xadrez...” e “Verde-amarelo, sem foice e martelo” ou “Vermelho bom, só batom”, “Tá chegando a hora de Jango ir embora”, “Abaixo ao entreguismo vermelho”, “A melhor reforma é o respeito à lei”, “Chega de palhaçada, queremos governo honesto” (MELITO, 2014).

A história brasileira percorreu 50 anos de uma ocasião para outra, em um contexto histórico-político-social que se diferencia em vários aspectos, mas onde também circulam enunciados tecidos por sentidos muito próximos - parecendo quase imutáveis no tempo. O paralelo entre esses dois momentos é amarrado não só pelo trabalho de *interpretação* desses materiais, mas pelo próprio discurso jornalístico - como é o exemplo da matéria intitulada “*Reedição da Marcha da Família pede intervenção militar no País*”. O mosaico de descrições e depoimentos apresentados pela matéria expressa as relações discursivas entre a conjuntura de 1964 e de 2014: “os organizadores do evento dizem que há ameaça comunista no Brasil e pedem a volta dos militares ao poder para acabar com a corrupção e moralizar o país.” (GARCIA, 2014).

A processualidade dos discursos sobre a marcha, no século XXI, estende-se pelas novas ferramentas de comunicação: no *facebook*, aparecem grupos e comunidades que se autodenominam em referência à marcha de 1964, declarando seus objetivos e expressando também representações sociais sobre o projeto de sociedade. O grupo “*Marcha da Família com Deus pela Liberdade, o Retorno*” (com 3.423 curtidas) pronuncia-se assim: “*2ª Edição da de 1964 ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’, que expulsou o Comunismo do Brasil, e evitou que nos tornássemos o quintal de Cuba*”. Novamente, o projeto de sociedade é estruturado por uma representação negativa sobre o comunismo, algo que deve ser evitado no novo projeto de sociedade.

Da mesma forma, o grupo “*Marcha da Família com Deus e pela Liberdade*”



convida para o evento de 28 de março de 2015 expressando o objetivo de ir às ruas *repudiar o comunismo e a corrupção*. Apresenta-se como “[...] uma união de civis e militares com o objetivo de defender os Princípios Democráticos no Brasil, que atualmente sofrem grave ameaça por forças que querem implantar o Comunismo no País, violar as liberdades individuais e institucionalizar a corrupção.” Declaram-se ainda, opositores da “subversão e infiltração comunista nos três poderes” e contrários à “introdução das ideologias marxistas nas escolas urbanas e rurais”, expresso através de representações de comunidade atenta à preservação dos “valores de família” e da “liberdade de pensamento e imprensa”.

Diante desses enunciados discursivos, foi possível identificar que as representações sobre o projeto de sociedade ancoram-se a partir de “sentidos negativos”, normativos e conservadores (o que essa sociedade *não pode ser ou deve ser*) em detrimento dos “sentidos positivos” (o que a sociedade poderá *ser, ou devir, transformar*). Assim, as representações sobre o comunismo aparecem estruturantes das representações sobre liberdade e a democracia (sentido negativo) que, por sua vez, constituem base para as representações sociais sobre o projeto de sociedade. Essas, expressas no século XXI, são muito semelhantes, aquelas que constituíram o imaginário social que mobilizou a Marcha de 1964.

Os paralelos entre o contexto atual e aquele que antecedeu o golpe ficam inevitáveis, em primeiro lugar, pela própria discussão pública que se instaura em momentos de crise, disputando representações sobre o projeto de sociedade. O (a) descontentamento com o governo a partir da crise do país e escândalos de corrupção, (b) amplamente divulgados através da mídia tradicional - e, em 2015 propagados e debatidos também nas redes sociais - (c) ganha o apoio de grandes corporações, partidos políticos e igrejas, e se manifesta pela (d) mobilização em marchas, contra o governo, a corrupção e o comunismo, focando-se na figura presidencial.

Não se trata de afirmar que contexto é semelhante, mas de destacar que a forma de encarar um elemento “motivador” - como discursos sobre uma crise no governo - e a “ação” que dele resulta - apoio de diversos setores sociais contra a corrupção e pela

defesa do país, mobilizando “marchas verde-amarelas”, que entoam o hino brasileiro e expressam, assim, determinadas representações sociais sobre um ideal de sociedade - parecem articular-se numa mesma lógica enunciativa, até aqui.

Dos exemplos trazidos, podemos explorar dois outros pontos estruturantes dessas representações sociais: a construção de representações, por parte desses grupos, sobre um *inimigo da nação* - cuja *imagem* mobiliza uma *oposição* - e o papel das mídias nesses processos, as tradicionais e as sociais, tanto nos processos de *emergência* quando de *formação*<sup>5</sup> dessas representações, além do desenrolar das próprias mobilizações.

Como vimos pelos exemplos apresentados, as representações sobre o inimigo da nação aparecem nos termos “ameaça comunista”; “infiltração comunista nos três poderes”; “forças que querem implantar o Comunismo no País, violar as liberdades individuais e institucionalizar a corrupção”. Essas construções parecem fluir como nuances que compartilham de um mesmo núcleo central de algumas representações imbricadas nos discursos que antecederam o golpe. Ao “inimigo comunista”, nos discursos atuais, acrescenta-se uma representação do que é ser *petista* ou alinhado a ideologias de esquerda, por exemplo. Em marcha, a *imaginação* - no sentido de Baczko (1985) - do *inimigo* mobiliza uma determinada ação, como ilustra o seguinte trecho da reportagem que exploramos, aqui, como exemplo:

[...] Já na concentração da Marcha ocorreram os primeiros atritos com manifestantes chamados de ‘petistas’, por usarem peças de roupa vermelhas, cor do Partido dos Trabalhadores (PT). A PM precisou ser acionada para intervir aos gritos de ‘Lula ladrão’ e ‘PT roubou’. [...] Muitos jornalistas homens foram hostilizados e chamados de comunistas por participantes

---

5 Moscovici formula a respeito das *condições* que afetam a emergência ou não da *representação social* de um dado objeto num determinado conjunto social, com extrema importância dos processos de comunicação. São elas: a “*dispersão* e defasagem das informações relativas ao objeto representado e que são desigualmente acessíveis de acordo com os grupos”; a *focalização* sobre “certos aspectos do objeto” em função dos interesses em jogo e da implicação dos sujeitos; e “a *pressão à inferência*” decorrente da “necessidade de agir, de tomar uma posição ou de obter reconhecimento e a adesão dos outros” (sendo, por isso, um saber de aplicação prática e concreta) (JODELET, 2001, p. 30). Existem ainda duas outras instâncias onde a *comunicação* pode ser observada, através de importantes conceitos: além do nível de *emergência* já explorado, o nível dos processos de *formação* das representações sociais é examinado pelos mecanismos de *ancoragem* - processo de familiarização e convencionalização das ideias - e *objetivação* - que une a noção de não-familiaridade com a de realidade, constrói a realidade através de uma autoridade “fundamentada na arte de transformar uma representação na realidade da representação; transformar a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra” (MOSCOVICI, 2003, p. 71).

porque tinham barba. Durante todo o trajeto a Marcha contou como plano de fundo o Hino Nacional, que foi cantado ao menos dez vezes. (GARCIA, 2014).

O que importa aqui é mostrar o âmbito das representações sociais, já que o pensamento social não consegue se estruturar fora dele mesmo, de modo que as representações da realidade são a própria realidade:

[...] por um lado, ao se colocar um signo convencional na realidade, e por outro lado, ao se prescrever, através da tradição e das estruturas imemoriais, o que nós percebemos e imaginamos, essas criaturas do pensamento, que são as representações, terminam por se constituir em um ambiente real, concreto. Através de sua autonomia e das pressões que elas exercem (mesmo que nós estejamos perfeitamente conscientes que elas não são ‘nada mais que ideias’), elas são, contudo, como se fossem realidades inquestionáveis. (MOSCOVICI, 2012, p. 40)

A “existência real” do *inimigo* ao qual marchas, protestos e revoltas se opõem, portanto, não é tão crucial quanto a sua *construção* simbólica. O próprio *motivo* de uma manifestação só o é assim pela forma com que os sujeitos o veem - processo no qual queremos destacar o papel da mídia.

É possível inferir que as mídias, especialmente por meio do jornalismo, acabam provendo e reforçando um determinado imaginário social a partir das informações que divulga sobre casos de corrupção, crises nas instituições governamentais, insatisfações de camadas sociais, munindo esse imaginário de representações sobre “*eles*” (os petistas, os políticos, a presidenta) e “*nós*” (o povo que está cansado de ser enganado). Diante disso, explodem (com tamanha grandeza) escândalos de corrupção e circulam representações (também em tom fantástico) a respeito de intencionalidades do governo de transformar o sistema político brasileiro no comunismo (*eles*), o que acaba por motivar uma mobilização de *oposição*.

Para Baczko (1985), nesses processos importam os dispositivos que atuam na *difusão* de imaginários sociais - seja aqueles munidos por narrativas dos escândalos de corrupção em 2015, ou aqueles que compõem representações sobre o comunismo enquanto *inimigo* do povo em 1964 - apontando para as problemáticas que envolvem a dominação simbólica e o controle dos meios de produção.

A partir do esquema de Baczko (1985) podemos pensar sobre o encadeamento de “motivações” – que permeiam as múltiplas representações sobre o ideal de sociedade. Parece uma visão possível do processo que culminou na *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* e posterior golpe militar no século XX e, talvez, uma proposta para compreender as correntes manifestações no século XXI.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos enlaces realizados entre os enunciados, percebe-se que para os grupos que pedem o retorno dos militares ao poder a única saída para o fim da corrupção no país é o retorno dos valores tradicionais, sobretudo os calcados na propriedade, na família e na religião. Esse é o núcleo de sentido que traduz o anseio de projeto de sociedade adequado e promissor, estruturando representações sociais sobre um ideal de sociedade que atravessam imaginários sociais e mobilizam práticas de manifestação.

As presentes manifestações sociais contra o governo e contra a corrupção transbordam, de alguns lados, representações sociais sobre um ideal de sociedade que, ao se estruturarem em representações ancoram sobre o inimigo da nação enquanto o comunista e as representações sobre liberdade e democracia fundadas na intervenção militar, colocam em disputa a memória social do golpe militar - uma vez que, ao estruturarem *imagens* do que seria uma sociedade ideal, propõem *representações (positivas) sobre o passado militar* do Brasil. Essa memória está em disputa, acreditamos, pois ao mesmo tempo que essas *representações sociais sobre um ideal de sociedade* promovem novas significações do que foi a intervenção militar (positivas, algo aceito dentro das *representações de liberdade e democracia* que aqui se manifestam), a circulação de novos materiais a respeito da era militar expressam, ao contrário, *representações (negativas) sobre o passado militar* do Brasil. O relatório *Brasil: Nunca Mais* dedica tópicos exclusivos em que são relatados os roubos e subornos cometidos pelos militares, bem como da perseguição e tortura daqueles

considerados subversivos, pertencentes à partidos de esquerda ou simplesmente contra o regime militar - produzindo, portanto, outras *representações* a respeito.

Neste estudo, tratamos da memória, do passado, do fato histórico não só como objeto dos meios de comunicação, mas como objeto de representação social. Fica clara a relação direta entre representações sobre um passado vivido pelo país e as representações sobre um futuro ideal de sociedade, estando a disputa de memória intrínseca às mobilizações sobre o provir. Esses processos, notadamente, contam com a ativa participação midiática: a partir de discursos sobre a crise do governo, exaustivamente postos em circulação pelo aparato midiático e jornalístico, seria possível inferir que as enfáticas denúncias de corrupção - que ocasionalmente remetem a outros períodos histórico-políticos - movimentam os saberes comuns: o familiar, por exemplo, para apontar relações causais, formular explicações e acomodar o novo, ativando representações acerca do tema em debate público.

Dessa forma, a Teoria das Representações Sociais mostrou-se um caminho de abordagem da conjuntura contemporânea expressada pelas ruas, pelas manifestações, especialmente uma vez que as representações sociais sobre o projeto de sociedade trazem marcas de representações que circularam no passado. Diferentes representações sociais sobre o fato histórico da intervenção militar no Brasil encontram-se, portanto, vivas, infiltradas, em ambiência e em disputa: construções como a do “*inimigo comunista*”, que “mobilizou as energias” e “legitimou as violências” (BACZKO, 1985) dos anos de chumbo - com devido registro histórico no livro *Brasil Nunca Mais* - ganham expressão atual, como que saíssem do livro recém disponibilizado digitalmente para desfilar nesses dias de hoje. E isso é próprio das dinâmicas forjadas pelas *representações sociais*, cujo poder peculiar “deriva do sucesso com que elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe” (MOSCOVICI, 2012, p. 37-38).

## REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: LEACH, Edmund, et al. *Anthropos-*  
[www.ufrgs.br/alcar2015](http://www.ufrgs.br/alcar2015)



Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

ARNS, D. Paulo Evaristo (org.). *BRASIL: Nunca Mais*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GARCIA, Carolina. Reedição da Marcha da Família pede intervenção militar no país. *Último Segundo*, Portal iG, 23 de mar. 2014. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2014-03-22/veja-imagens-da-marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-sao-paulo.html>> . Acessado em abril de 2015.

JODELET, Denise. *Madness and social representations*. London: Harvester/Wheatsheaf, 1991.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARCHA da Família com Deus e pela Liberdade. **Comunidade do Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/familia.com.deus.pela.liberdade?fref=ts>>. Acessado em abril de 2015.

MARCHA da Família com Deus pela Liberdade: o retorno. **Comunidade do Facebook**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pages/Marcha-da-Familia-com-Deus-pela-Liberdade-o-Retorno/419803421498692?sk=info&tab=page\\_info](https://www.facebook.com/pages/Marcha-da-Familia-com-Deus-pela-Liberdade-o-Retorno/419803421498692?sk=info&tab=page_info)>. Acessado em abril de 2015.

MELITO, Leandro. *Marcha da Família com Deus pela Liberdade pedia a queda de Jango há 50 anos*. EBC, Cidadania, 18 de mar. 2014. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964-0> Acessado em abril de 2015. [Empresa Brasil de Comunicação, EBC].

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

*SÃO PAULO parou ontem para defender o regime*. Folha de São Paulo, 20 mar. 1964. Disponível em Banco de dados Folha. Acervo on-line: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil\\_20mar1964.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_20mar1964.htm)> Acessado em abril de 2015.

VALA, J. *Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano*. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Org.). *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 457-501.